



**Este artigo** está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

**Você tem direito de:**

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

**De acordo com os termos seguintes:**

Atribuição — Você deve dar o **crédito apropriado**, fornecer um link para a licença e **indicar se mudanças foram feitas**. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

**Sem restrições adicionais** — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



**This article** is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International.

**You are free to:**

Share — copy and redistribute the material in any medium or format.

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

**Under the following terms:**

Attribution — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

**No additional restrictions** — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.



## S U M Á R I O

- 2 | *O relacionamento bilateral entre o Brasil e a África do Sul no contexto do Fórum de Diálogo Índia, Brasil e África do Sul*

Carlos Ribeiro Santana

- 4 | *Problemas conjunturais e estruturais da integração na América do Sul: a trajetória do Mercosul desde suas origens até 2006*

Paulo Roberto de Almeida

- 10 | *Implicações da militância islâmica iraniana para o Mundo Árabe*

Sivia Feraboli

- 12 | *O retorno ao equilíbrio do terror atômico*

Virgílio Arraes

- 14 | *A evolução recente dos estudos e dos programas de pós-graduação em Relações Internacionais no Brasil*

Antônio Carlos Lessa

### RESENHA

- 17 | *Idéias de Europa: que fronteiras?*

Thiago Gehre Galvão

## O retorno ao equilíbrio do terror atômico

Virgílio Arraes\*

Durante a Guerra Fria, boa parte do comedimento amero-soviético deveu-se à existência compartimentada entre ambos, de milhares de ogivas nucleares, alcunhando-se a convivência no período de equilíbrio de mútuo terror. Com a súbita capitulação da União Soviética, desembocada em extinção com significativa perda territorial, analistas puseram-se a coligir os motivos do repentino processo. Um deles apontava para a incapacidade do regime comunista de sustentar elevados gastos militares por longa extensão de tempo. Estima-se entre 10 a 20% do produto interno do país por ano.

Além do mais, havia uma guerra em curso, a do Afeganistão, por meio da qual, a par da manutenção de um Estado comunista, logo aliado, opunham-se os russos à emergência do fundamentalismo islâmico, arrimado, com entusiasmo, pelos Estados Unidos, por vislumbrar a seus opositores fadiga similar a sua malograda investida vietnamita na década anterior. Diferentemente do modelo norte-americano, os soviéticos não conseguiram converter tecnologia militar para uso civil, de forma que espraiasse os benefícios materiais advindos dos ganhos científicos para toda a sociedade.

Deste modo, a derrocada político-econômica na passagem dos anos 80 para os 90 adveio também da insuficiência de a União Soviética prover em termos de consumo os seus cidadãos em patamares próximos dos da Europa Ocidental, mesmo se comparados aos membros mais modestos como Portugal ou Grécia, por exemplo. A retórica da expansão do bem-estar vinculava-se, por conseguinte, à afirmação da democracia; ao lado dela, o auxílio do neoliberalismo por dispor, em tese, de mais eficiência, o que permitiria ampliar a circulação de recursos e, por extensão, atrair investimentos externos complementares. A crença em

uma interdependência capitalista, de cunho pacífico e próspero, seria propagada diuturnamente.

Quase duas décadas depois, o quadro contemporâneo difere bastante do otimismo alardeado, em face da desigualdade da distribuição da riqueza e da degradação ecológica. As democracias postas em substituição ao socialismo real não providenciam a equiparação do consumo em relação ao eixo norte-atlântico, conforme outrora insinuado na fase de transição do fim da bipolaridade. O antigo 3º Mundo torna-se fator de desestabilização, ao ser posto em segundo plano na incorporação das benesses capitalistas. Diante do desinteresse diplomático das principais potências, irresolutas na coordenação de alternativas executadas através de organismos internacionais, como o Banco Mundial, ou mesmo de projetos bilaterais, viabiliza-se a opção da manutenção sistêmica por meio da força.

Diante de tal cenário, o país vitorioso de três conflitos mundiais no século passado não teria, em um primeiro exame, dificuldade para aplacar a intemperança de Estados desajustados perante a nova ordem mundial. Contudo, a realidade mostrou-se, de modo surpreendente, adversa à maior potência global. Em quase cinco anos, duas guerras em andamento contra países periféricos, sem vislumbrar-se um prognóstico definitivo positivo no curto prazo. Ainda assim, aponta-se mais um como alvo possível do ânimo bélico estadunidense: o Irã.

Ao longo da década de 90, o projeto neoconservador reconhecia na superioridade militar norte-americana uma das principais razões para a vitória na Guerra Fria. Afinal, de acordo com Chalmers Johnson, são mais de 700 bases em 138 países – apenas a Coréia de Sul hospeda uma centena delas; deste modo, se o país almejasse manter-se à testa da

\* Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília – iREL-UnB (arraes@unb.br).

supremacia mundial, deveria, portanto, manter a mesma política. Por extensão, tecnologias convencionais de destruição deveriam ser priorizadas, notadamente as relativas ao setor aeronáutico.

Destarte, as investidas contra terceiros seriam ligeiras, com poucas baixas nas tropas, e voltadas para alvos estratégicos. Isto seria executado com êxito na Iugoslávia, por exemplo, para forçar a rendição do governo. Ao Afeganistão e Iraque seriam endereçados expedientes similares. Entretanto, se houve a repetição do mesmo sucesso inicial, ou seja, a deposição dos governantes, a segunda fase, na qual se encaixariam no poder políticos formalmente apegados à democracia, mostra-se extremamente difícil, com os efetivos já desgastados perante escaramuças constantes de baixa intensidade.

*Mutatis mutandis*, a tecnologia, por si só, como já antevisto durante a Guerra do Vietnã, nos anos 1970, é incapaz de assegurar a vitória ou, ao menos, a ocupação. Mesmo assim, o governo norte-americano analisa a opção de valer-se de armas atômicas de menor poder destrutivo (mini-bombas equivalente a 1/3 do poder destrutivo da de Hiroxima), ainda que, à primeira vista, afirme que elas seriam tão-somente instrumentos de dissuasão. Em tese, poderiam ser empregadas para eliminar estoques de armas de destruição em massa ou usinas nucleares instaladas no subsolo, apesar do risco inerente de provocar nuvens radioativas.

Apesar de desrespeitar o teor do Tratado de Não Proliferação Nuclear (1970), a hipótese já é seriamente considerada dentro de diferentes setores do governo sob a justificativa de aperfeiçoar a eficiência das

medidas escolhidas contra regimes tirânicos, aspirantes pretensamente naturais à posse de armas químicas ou biológicas. Não se pode esquecer de que o Partido Republicano, por inspiração neoconservadora, enfatiza gastos bélicos como o fiador inquestionável do status de potência.

Deste modo, desde 1999, há uma série de medidas contraposta à limitação de artefatos nucleares – uma delas havia sido a denúncia em junho de 2002 do Tratado de Mísseis Anti-Balísticos, anunciada seis meses antes como reflexo da insegurança interna provocada pelo atentado terrorista de setembro de 2001. Sem a vigência do acordo, os Estados Unidos puderam retomar a pesquisa sobre a formação de um escudo antimíssil, com o conseqüente rebate, ao menos retórico, da Rússia, ao reiterar a excelência de suas armas de longo alcance, capazes de atravessar todo tipo de sistema defensivo. De toda forma, não há tecnologia disponível para destruir centenas de mísseis lançados simultaneamente.

No entanto, a afirmação de uma política armamentista, com tendência de nuclearizar a si mesma mais e mais traz como contrapartida a ressuscitação de aspirações também da Rússia, já desiludida com os resultados de uma democracia em estilo ocidental e apreensiva quanto ao crescimento econômico da China. Outrossim, a alternativa de curto prazo para a manutenção da influência da Rússia em áreas por ela consideradas como de sua influência pode ser o restauro de nova corrida armamentista. Contudo, a corrida poderá ser tripla, caso a China sustente por longo tempo o ritmo de seu desenvolvimento.

